



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Dados de inflação, atividade e texto do Arcabouço Fiscal movimentam a semana

Na agenda de indicadores, destaque para o resultado da inflação (IPCA) de março, que deve ser pressionada pela reoneração dos tributos federais sobre os combustíveis. O dado será divulgado na terça (11) e a expectativa é de alta de 0,77% no mês, com a maior pressão vindo da gasolina, e, em menor parte, da energia elétrica, devido ao efeito residual da reincorporação das tarifas de transmissão e distribuição na base de cálculo do ICMS. De toda forma, o indicador deve seguir em desaceleração em 12 meses, recuando de 5,60% para 4,71%, com a exclusão da leitura de mar/22 (+1,62%) da base, impactado na ocasião pelo início da guerra na Ucrânia. Ainda em relação à inflação, a FGV divulgou hoje (10) cedo o IGP-DI de março, que mostrou deflação de 0,34%, mantendo a dinâmica benigna dos preços no atacado (-0,71%).

No âmbito da atividade, o IBGE divulga os primeiros resultados do varejo e do setor de serviços em 2023, que devem confirmar o enfraquecimento da economia no início deste ano. O resultado do varejo sai na quarta (12), enquanto o resultado dos serviços será conhecido na sexta (14). A expectativa do consenso é de alta de 0,7% do varejo no conceito ampliado (com veículos e materiais de construção) e queda de 1,5% dos serviços. De toda forma, como o IBGE realizou mudanças metodológicas em suas pesquisas, é possível que os números oficiais apresentem alguma discrepância em relação às projeções. Ainda na semana, a Anfavea divulga hoje cedo o resultado da produção de veículos de março, que deve mostrar algum impacto da paralisação de várias fábricas no período em função da queda da demanda no setor.

No cenário político, o governo deve entregar o texto do novo arcabouço fiscal à Câmara dos Deputados nesta terça (11). Após a apresentação da proposta pelo Ministro Haddad no último dia 30, havia a expectativa de que o texto fosse enviado já na semana passada. Porém, dada a necessidade de ajustes finais na redação, deve ser entregue apenas esta semana. O texto deve trazer as principais premissas e parâmetros do novo marco fiscal, mas sem incorporar nenhum tipo de aumento de arrecadação, o que deve ser tratado em outros projetos. Com o texto em mãos, os agentes devem ponderar qual o aumento necessário de arrecadação para que o governo volte a apresentar superávit e estabilizar a dívida pública.

No cenário internacional, os agentes se concentram nos dados de inflação ao consumidor (CPI) de março e na ata do último encontro do Fomc/Fed, que serão conhecidos ambos na quarta (12). A expectativa do consenso é de alta de 0,2% da inflação no mês, levando o indicador para 5,1% em 12 meses (ante 6,0%). Contudo, o núcleo, que exclui alimentos e energia, deve se manter em alto patamar, em 5,6% (ante 5,5%), indicando que a inflação de serviços ainda não deu sinais de melhora, apesar do ajuste monetário já bastante avançado. Já a ata da última reunião de política monetária, que decidiu pela alta de 0,25 pp dos juros, pode dar aos agentes mais insumos para avaliar a estratégia do Fed, inclusive para entender como a instituição analisa os recentes problemas no setor bancário do país. Ainda nos EUA, na sexta (14), serão conhecidos dados de atividade (varejo e indústria) de março, que devem confirmar os sinais de desaceleração dos setores em meio à alta dos juros no país.

Ainda nos EUA, serão conhecidos na próxima sexta (14) os primeiros resultados do 1º trimestre dos grandes bancos norte-americanos (Citibank, JP Morgan e Wells Fargo), que podem trazer pistas sobre o impacto da recente crise do setor. As maiores IFs devem manter a elevação das provisões contra devedores duvidosos (PDD), refletindo o cenário mais adverso. Ao mesmo tempo, devem reportar um aumento expressivo nos depósitos, após o movimento de *flight-to-quality* onde os clientes deixaram as menores instituições em busca dos bancos maiores.

Por fim, na China serão divulgados dados da balança comercial e inflação de março. E, na Zona do Euro serão conhecidos dados de atividade (indústria e varejo), referentes ao mês de fevereiro.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com a respectiva data de divulgação e a projeção do mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
10/abr	Anfavea: Produção de Veículos	Mar/23	-	-2,9% a/a
10/abr	FGV: IGP-DI	Mar/23	-0,13% m/m -0,93% a/a	0,04% m/m 1,53% a/a
11/abr	IBGE: IPCA	Mar/23	0,77% m/m 4,71% a/a	0,84% m/m 5,60% a/a
12/abr	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio	Jan/23	0,7% m/m 1,6% a/a	0,4% m/m -0,6% a/a
14/abr	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços	Jan/23	-1,5% m/m 7,5% a/a	3,1% m/m 6,0% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
10/abr	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Mar/23	1,0% a/a	1,0% a/a
10/abr	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Mar/23	-2,5% a/a	-1,4% a/a
11/abr	Zona do Euro	Vendas no Varejo	Fev/23	-0,8% m/m	0,3% m/m
12/abr	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Mar/23	0,2% m/m 5,1% a/a	0,4% m/m 6,0% a/a
12/abr	EUA	Ata da última reunião do Fomc	22/Mar/2023	-	-
13/abr	Zona do Euro	Produção Industrial	Fev/23	1,0% m/m	0,7% m/m
13/abr	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Mar/23	3,0% a/a	4,6% a/a
13/abr	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Mar/23	-7,2% a/a -6,5% a/a	-6,8% a/a -10,2% a/a
14/abr	EUA	Vendas no Varejo	Mar/23	-0,4% m/m	-0,4% m/m
14/abr	EUA	Produção Industrial	Mar/23	0,2% m/m	0,0% m/m
14/abr	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Abr/23 – prévia	61,9 pts	62,0 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Indicadores de atividade mostram perda de tração no 1T23

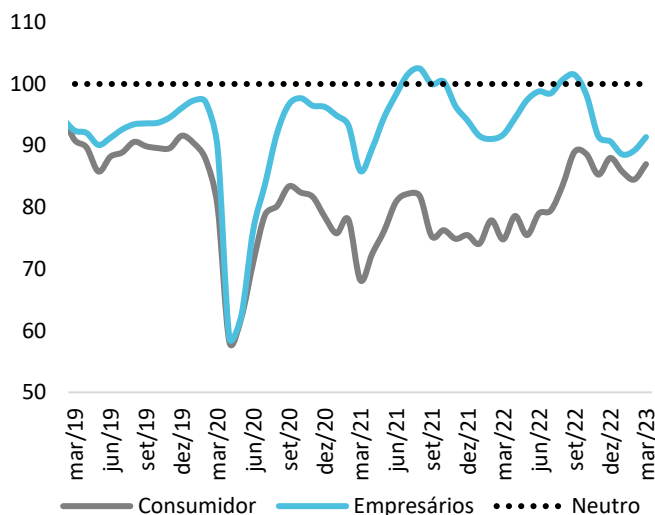
Indicadores antecedentes mostraram alguma melhora em março, mas ainda sugerindo uma desaceleração econômica no 1º trimestre. O emplacamento de veículos, divulgado pela Fenabrave, cresceu 8,8% na passagem de fevereiro para março, na série com ajuste sazonal (cálculo Febraban). O avanço, no entanto, não foi suficiente para compensar o fraco desempenho nos dois primeiros meses do ano, com o resultado agregado do 1º trimestre mostrando um recuo de 3,8% ante o 4T22, em linha com a leitura de perda de tração da atividade neste início de ano.

De maneira análoga, os índices de confiança (FGV) dos empresários e consumidores avançaram em março, mas permanecendo em baixo patamar, em geral, com recuo ante a média do trimestre anterior (4T22). No mês, o aumento da confiança no âmbito dos empresários foi influenciado pela expectativa de uma melhora no ambiente econômico no 2º semestre, em especial na indústria e nos serviços. Por outro lado, a avaliação da situação atual ainda é fraca, com piora da avaliação em todos os setores no trimestre. Para os consumidores, houve alguma melhora sobre a percepção da situação atual, embora ainda pressionada pela inflação e juros elevados, além do enfraquecimento recente do mercado de trabalho.

No setor externo, a balança comercial registrou superávit de US\$ 11,0 bi em março, recorde da série histórica (iniciada em 1994). O valor representa um aumento (na média por dia útil) de 37,7% em relação ao registrado em mar/22 e decorreu de um mix de aumento das exportações (+7,5%) e queda das importações (-3,1%). A alta das exportações foi impulsionada por itens como o petróleo (+53,8%) e soja (+8,9%). Já a queda das importações refletiu menores encomendas de gás natural (-80,2%) e fertilizantes (-22,8%).

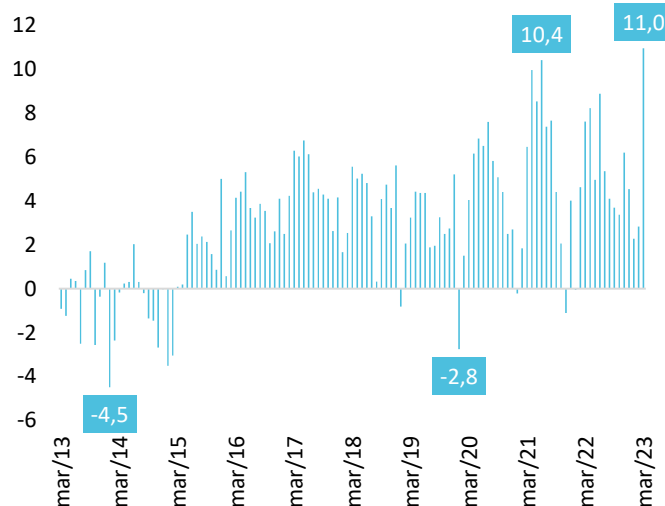
No acumulado do ano, a balança comercial brasileira registra superávit de US\$ 16,1 bi, superior em 29,8% ao registrado no mesmo período de 2022 (US\$ 12,2 bi), refletindo, da mesma forma, o avanço das exportações (+3,4%) e queda das importações (-1,9%). A expectativa de alguma recuperação da economia chinesa, boa safra agrícola e manutenção dos preços do barril de petróleo elevados ao longo do ano devem favorecer as exportações locais, enquanto as importações tendem a arrefecer com a desaceleração econômica. Diante de tal cenário, é provável que o superávit deste ano supere o de 2022 (US\$ 61,5 bi).

Quadro 1: FGV - Sondagens de Confiança



Fonte: FGV

Quadro 2: Saldo Comercial – em US\$ bi



Fonte: Secex.

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Indicadores sugerem desaceleração da atividade nos EUA; decisão da Opep preocupa os agentes

Durante a semana, o cenário internacional foi marcado pelos sinais de desaceleração da atividade global, em especial, nos EUA, após dados de emprego (*payroll*) e expectativas mostrarem alguma piora. Apesar do cenário de queda da atividade auxiliar no combate à inflação, tal movimento foi compensando pelo anúncio inesperado da Opep de que reduzirá a produção de petróleo, o que fez com que o preço da *commodity* subisse na semana, voltando para a casa dos US\$ 85 por barril (tipo Brent), trazendo nova preocupação do ponto de vista inflacionário. Com isso, o mercado voltou a precificar a necessidade de uma nova alta de juros (de 0,25 pp) pelo Fed, em sua próxima reunião (dias 2 e 3 de maio), segundo a ferramenta CME Group, fato que levaria os juros para o intervalo entre 5,0% a 5,25% aa.

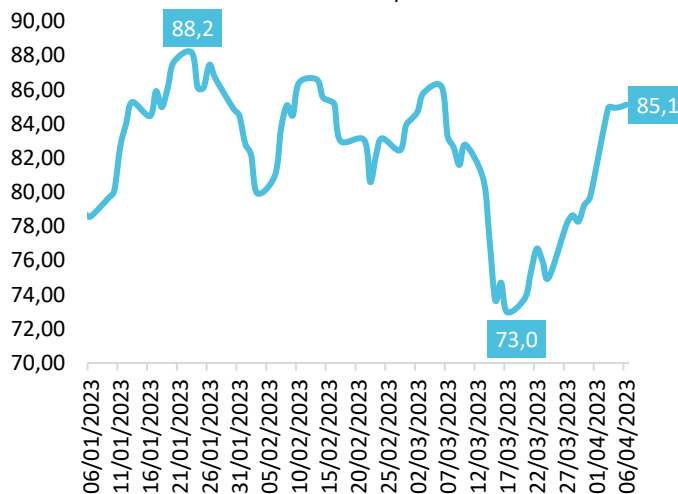
A leitura de março dos dados do mercado de trabalho (*payroll*) dos EUA mostrou a criação de 236 mil vagas de emprego no mês, em linha com o consenso de mercado (+240 mil) e desacelerando com relação ao mês anterior (+326 mil), sinalizando alguma perda de ímpeto no mercado de trabalho. Ainda assim, foi suficiente para reduzir a taxa de desemprego para 3,5% em março (ante 3,6% em fev/23). Outro dado importante divulgado foi dos ganhos salariais, que subiram 0,3% no mês (ante 0,2% em fev/23), levando a métrica acumulada em 12 meses a desacelerar de 4,6% para 4,2%.

Quanto às expectativas, a principal surpresa negativa veio do índice de serviços ISM que caiu de 55,1 pts para 51,2 pts em março. No setor de manufatura, os dados também não foram positivos. O índice ISM recuou de 47,7 para 46,3 pts, enquanto o PMI se manteve abaixo do nível neutro de 50 pts, em 49,2 pts (apesar da alta ante fevereiro, quando ficou em 47,3 pts). Assim, todos seguem indicando alguma moderação da atividade da passagem de fevereiro para março.

Na Zona do Euro, a leitura final do índice PMI de serviços veio abaixo do esperado, mesmo assim, o indicador atingiu 55,0 pts (ante 52,7 pts), o maior valor nos últimos 10 meses, em função do aumento no volume de novos negócios. Já na manufatura, houve queda de 48,5 pts para 47,3 pts com redução na quantidade de pedidos.

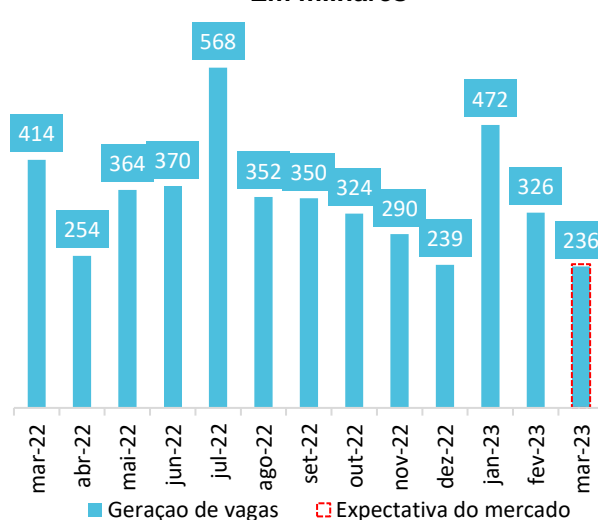
Por fim, na China, os indicadores do PMI Caixin apresentaram leituras mistas no mês março. De um lado, o indicador de serviços subiu de 55,0 pts para 57,8 pts atingindo o maior nível desde jun/20, com o setor ainda se beneficiando da redução das fortes restrições impostas no combate da Covid-19. Por outro lado, o indicador de manufatura recuou para 50 pts (ante 51,6 pts).

Quadro 3: Preço do barril de petróleo (tipo Brent) Em US\$



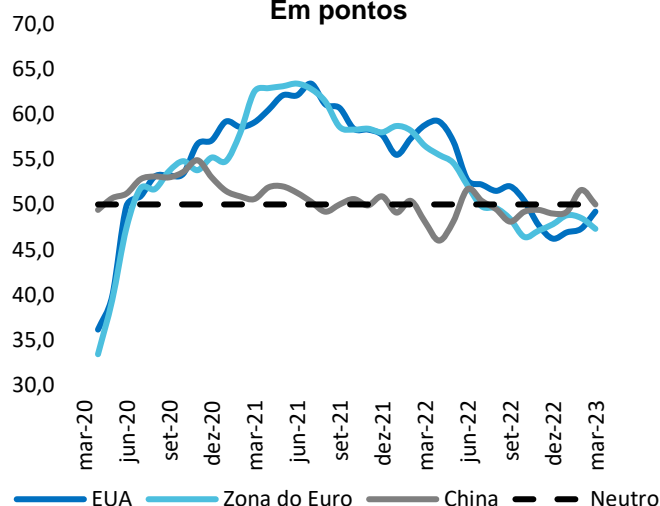
Fonte: Bloomberg.

Quadro 4: EUA – Geração da Vagas de Emprego Em milhares



Fonte: Bloomberg.

Quadro 5: Índice PMI de Manufatura Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Concentração do Mercado de Crédito

CRÉDITO / BANCOS

O Banco Central do Brasil (BCB) divulgou no fim de março as informações (resultado, balanço, carteira de crédito, etc...) de todas as instituições financeiras (IFs) que atuam no país, referentes ao 4º trimestre de 2022, no portal IF.Data. Com isso, foi possível atualizar nossa análise sobre a concentração do mercado de crédito no Brasil, incluindo o ano de 2022. Tal tema perdeu um pouco a relevância no noticiário nos últimos tempos, dada a entrada de novos *players* no mercado em função das medidas adotadas pelo Banco Central. A análise a seguir reforça tal percepção ao apontar que o mercado segue em movimento de desconcentração. De toda forma, é bastante importante reforçar que o conceito de concentração deve ser tratado separadamente do conceito de concorrência/competição.

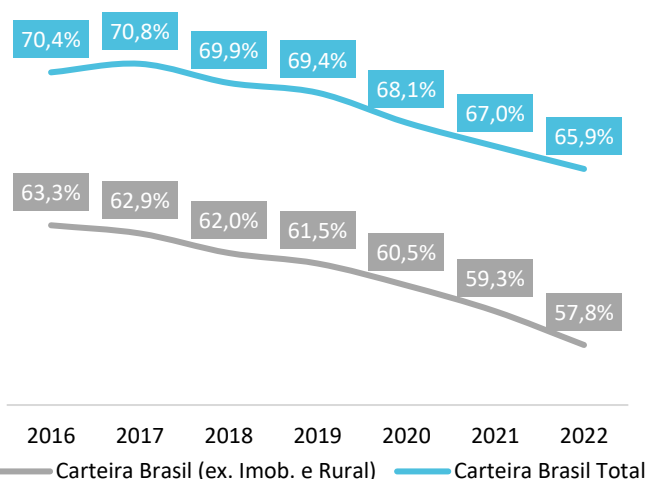
Para a análise, foram extraídos dados de 2016 em diante para acompanharmos a evolução dos indicadores. E, quando forem mencionados os cinco maiores bancos do Sistema Financeiro Nacional (SFN), são considerados os bancos com as maiores carteiras de crédito: Banco do Brasil, Bradesco, Caixa Econômica Federal, Itaú Unibanco e Santander. Para calcular a concentração de mercado, utilizou-se o índice Razão de Concentração dos Cinco Maiores (RC5), que equivale ao *market-share* dos 5 maiores *players* do segmento.

O Quadro 6 apresenta a evolução do RC5 de 2016 até 2022. Foi considerada a carteira total (PF e PJ), excluindo as operações internacionais. Verifica-se que a trajetória de queda do indicador teve continuidade em 2022, quando recuou de 67,0% para 65,9%. Assim, considerando desde 2017 (pico da série), o *market share* dos 5 maiores bancos do país já caiu 4,9 pp (de 70,8% para 65,9%) neste período.

Ainda, em função da forte participação dos bancos públicos em duas das mais importantes linhas de crédito do SFN: imobiliário e rural; também foi feito o exercício desconsiderando o saldo de tais linhas. Apenas como forma de exemplificar tal ponto, a Caixa possuía 66% do saldo de crédito imobiliário em 2022, enquanto o Banco do Brasil atingiu 52% de *market-share* na carteira rural e agroindustrial (segundo os dados do IF.Data). Neste cálculo, observa-se que o RC5 (ex-imob e rural) é bem menor, situando cerca de 8 pp abaixo do indicador geral, indicando que o grau de concentração do mercado de crédito brasileiro é bastante inferior quando se excluem tais linhas com forte presença do setor público. Além disso, da mesma forma que no índice total, o RC5 ex-imob/rural também mostra recuo ao longo do tempo, tendo atingido 57,8% em 2022, queda de 5,5 pp ante 2016, ainda mais acentuado que na métrica anterior.

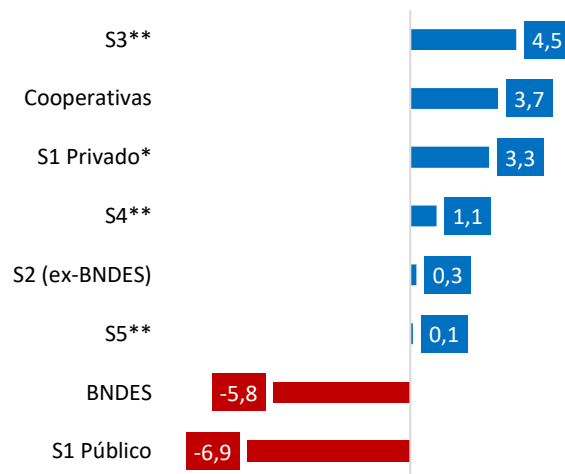
Dada a trajetória de desconcentração do mercado de crédito, o Quadro 7 apresenta a variação (entre 2016 a 2022) do *market share* por tipo de instituição.

Quadro 6: Market-share dos 5 maiores bancos (RC5) Em %



Fonte: IF.Data/BCB – Carteira de crédito exceto operações internacionais. Elaboração: Febraban.

Quadro 7: Ganho/perda de *market-share* por tipo de IF - Var. pp 2022 ante 2016



Fonte: IF.Data/BCB. Elaboração: Febraban.
 *S1 Privado inclui o Banco Pan, foi incorporado pelo banco BTG (pertencente ao segmento S1).
 ** As cooperativas foram retiradas dos segmentos S3, S4 e S5, e foram consideradas como um único grupo.

Concentração do Mercado de Crédito

As IFs foram separadas por segmento prudencial (S1 a S5), seguindo a classificação do BCB, além de algumas desagregações adicionais:

- Divisão do segmento prudencial S1 entre bancos públicos e privados;
- Exclusão do BNDES do segmento S2 (colocando a instituição em uma categoria única);
- Criação de uma categoria exclusiva para as cooperativas, retirando-as dos segmentos S3, S4 e S5.

Fica evidente que parte relevante da descontração do mercado nestes últimos anos decorreu da perda de participação das instituições públicas. Os bancos públicos do segmento S1 (BB e Caixa) perderam 6,9 pp de *share*, enquanto o BNDES perdeu 5,8 pp. Mesmo assim, em conjunto, os três bancos ainda representam 40% de todo o mercado de crédito em 2022. Dentre os maiores bancos privados (Itaú, Bradesco, Santander e BTG), houve ganho de 3,3 pp em participação do mercado desde 2016, para 32,9%.

O segmento que mais ganhou *market-share* no período, por sua vez, foi o S3 (excluindo as Cooperativas), que elevou sua participação em 4,5 pp, para 11,8%, refletindo o maior espaço ocupado pelas *fintechs* e/ou novos *players* no mercado. Tal ganho ocorreu, especialmente, na carteira PF (+4,8 pp), com destaque para as linhas mais rentáveis/arriscadas como cartão de crédito (+12,7 pp) e empréstimo pessoal sem consignação (+11,7 pp). Outro movimento importante foi o das Cooperativas (+3,7 pp), que continuam ganhando escala em suas operações e já representam 6,4% de todo o mercado. Aqui, o ganho de mercado foi mais expressivo no crédito PJ (+5,1 pp), puxado por linhas como o capital de giro (+8,8 pp) e para investimento (+6,8 pp).

Um outro exercício importante quando se analisa a concentração de um mercado é o cálculo do Índice Herfindahl-Hirschman (IHH), obtido através da soma do quadrado da participação (decimal) de cada IF, com o resultado ficando entre 0 e 1. Quanto maior o valor do índice, mais concentrado é o setor em questão. Para o BCB, valores entre 0 e 0,10 correspondem a um mercado de baixa concentração; entre 0,10 e 0,18 de concentração moderada; e, acima de 0,18, altamente concentrado. O Quadro 8 traz um resumo do índice RC5 e IHH para o mercado de crédito, com o cálculo para os segmentos PF e PJ, além de suas principais modalidades. No caso do índice RC5 foi feito o cálculo de duas versões: i) considerando os 5 maiores bancos do país; ii) considerando os 5 maiores bancos daquela modalidade.

Observa-se que o índice IHH de 2022 ficou em 0,0986 o que fez com que o mercado de crédito possa ser classificado como não concentrado, com base na classificação do BCB. Como exemplo, em 2016 o índice IHH era de 0,1285 (moderadamente concentrado). Contudo, as linhas de crédito possuem características bastante distintas. Por um lado, há modalidades bastante desconcentradas, como o empréstimo pessoal não consignado, que apresentou um IHH de apenas 0,0662 e participação dos 5 maiores do país (e também coincidentemente da modalidade) de 49,3% no respectivo mercado. Por outro, as linhas com maior participação de bancos públicos ainda são altamente concentradas, como financiamento a infraestrutura (PJ), crédito rural e imobiliário (PF).

Quadro 8: RC5 e IHH das principais linhas de crédito

Modalidade	RC5 - 5 maiores do país	RC5 - 5 maiores da modalidade	HHI	Classificação HHI
Crédito Total	65,9%	65,9%	0,0986	Não concentrado
PF	74,2%	74,2%	0,1275	Moderadamente concentrado
Empréstimo pessoal (s/ consig)	49,3%	49,3%	0,0662	Não concentrado
Veículos	49,7%	69,4%	0,1163	Moderadamente concentrado
Empréstimo pessoal consignado	74,3%	74,3%	0,1197	Moderadamente concentrado
Cartão de Crédito	65,2%	69,9%	0,1274	Moderadamente concentrado
Rural	69,3%	71,6%	0,3207	Altamente concentrado
Imobiliário	97,2%	97,2%	0,4661	Altamente concentrado
PJ	53,2%	60,1%	0,0802	Não concentrado
Recebíveis	47,5%	58,0%	0,0851	Não concentrado
Capital de Giro	63,5%	63,5%	0,0907	Não concentrado
Investimento	53,8%	59,2%	0,0948	Não concentrado
Comércio Exterior	59,4%	63,7%	0,1038	Moderadamente concentrado
Financiamento de Infra	34,3%	87,6%	0,3453	Altamente concentrado

Fonte: IF.Data/BCB – Carteira de crédito exceto operações internacionais. Elaboração: Febraban.

Concentração do Mercado de Crédito (IF.Data/BCB)

Finalmente, outra análise depreendida do Quadro 8 é que em alguns mercados, como o de veículos, cartão de crédito e recebíveis, outros *players* possuem uma participação mais relevante do que o conjunto dos 5 maiores bancos do país. Assim, a própria análise da concentração deve ser feita com cautela, uma vez que em determinadas linhas, os bancos líderes dos segmentos não necessariamente são os mesmos.

O Quadro 9, por sua vez, traz a evolução (2022 ante 2016) da participação de mercado dos 5 maiores bancos do país por linha de crédito. É possível observar que a queda de concentração foi disseminada entre as linhas. A queda total da concentração, conforme já citado, foi de 4,5 pp, mas é interessante notar que as quedas das linhas PF e PJ foram ainda maiores, 7,9 pp e 5,4 pp, respectivamente. Isso ocorreu, pois durante o período avaliado houve uma alteração no mix da carteira total de crédito, onde o saldo PF (que é mais concentrado) ganhou participação (de 50,1% para 60,5%), suavizando o impacto da queda observada nas aberturas.

No crédito PF, as modalidades com maiores quedas da concentração foram o empréstimo pessoal sem consignação (-18,2 pp) e o cartão de crédito (-16,2 pp), que, como mencionado anteriormente, ganhou uma forte atuação das *fintechs* e novos *players* no período. O crédito imobiliário, por outro lado, viu sua concentração cair pouco (1,2 pp), com as 5 maiores IFs do país possuindo 97,2% de participação no produto. Porém, houve uma mudança acentuada em sua composição. A Caixa, líder do segmento, perdeu importância, enquanto os demais grandes bancos ganharam relevância. No crédito PJ, a queda também foi disseminada, com destaque para a linha de investimento (-13,8 pp) e comércio exterior (-13,1 pp), onde os bancos do segmento prudencial S3 e cooperativas ganharam terreno. Além destes, capital de giro (-10,6 pp) e desconto de recebíveis (-10,6 pp) também mostraram evolução positiva no período. Já a linha com menor desconcentração foi a de financiamento a infra (-3,7 pp), com o BNDES mantendo participação relevante.

Em geral, a análise apontou que o mercado de crédito seguiu seu movimento de desconcentração, dado o surgimento de novos *players* e menor atuação dos bancos públicos. Ainda, importante ressaltar que o conceito de concentração deve ser tratado separadamente do conceito de concorrência/competição, que por sinal, sempre foi bastante intenso no setor. Por fim, discussões a respeito do nível das taxas bancárias de juros/spreads devem endereçar problemas relacionados aos custos de intermediação financeira, que não serão resolvidos apenas com aumento da competição.

Quadro 9: Evolução da concentração das linhas de crédito - De 2016 a 2022 – Em %

Modalidade	RC5 - 5 maiores do país		
	2016	2022	Dif. pp
Crédito Total	70,4%	65,9%	-4,5
PF	82,1%	74,2%	-7,9
Empréstimo pessoal (s/ consign)	67,5%	49,3%	-18,2
Empréstimo pessoal consignado	79,2%	74,3%	-4,9
Veículos	55,6%	49,7%	-5,8
Cartão de Crédito	81,5%	65,2%	-16,2
Rural	74,0%	69,3%	-4,7
Imobiliário	98,4%	97,2%	-1,2
PJ	58,6%	53,2%	-5,4
Capital de Giro	74,0%	63,5%	-10,6
Recebíveis	58,2%	47,5%	-10,6
Comércio Exterior	72,5%	59,4%	-13,1
Investimento	67,7%	53,8%	-13,8
Financiamento de Infra	38,0%	34,3%	-3,7

Fonte: IF.Data/BCB – Carteira de crédito exceto operações internacionais.
Elaboração: Febraban.

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Mar/23

CRÉDITO / BANCOS

O Banco Central do Brasil (BCB) divulgou que a caderneta de poupança registrou novamente perda de recursos no mês de março, no valor de R\$ 6,1 bilhões. De toda forma, o resultado foi melhor do que no ano passado, quando os saques líquidos foram de R\$ 16,1 bi (dados ajustados pelo IPCA).

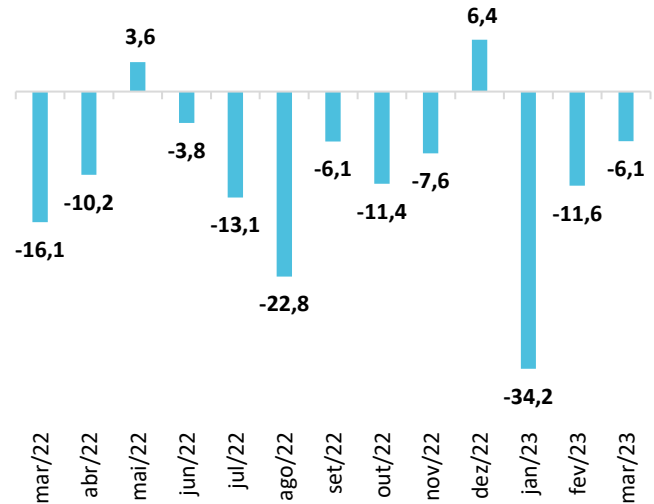
Assim, no 1º trimestre do ano, os saques superaram os depósitos em R\$ 51,9 bi, o que representa 0,51% do PIB, o pior resultado neste comparativo desde 2017 (Quadro 11). Ainda assim, apesar de elevado, o volume de saques líquidos (em % ao PIB) na modalidade não superou o observado na crise de 2015/16, quando atingiu 0,63% e 0,58%, respectivamente.

Com o resultado de março, o saldo dos recursos na caderneta atingiu R\$ 967,5 bi (9,6% do PIB), mantendo sua tendência de queda desde o pico alcançado em dez/20 (R\$ 1,232 tri ou 13,6% do PIB).

Como já comentado em outras ocasiões, parte relevante da redução dos recursos na caderneta decorre do ambiente de elevadas taxas de juros, que reduz a atratividade da modalidade. Como comparação, o saldo de depósitos à prazo segue em movimento oposto, com alta real de 1,9% em março, tendo atingido 21,4% do PIB, dando continuidade ao movimento de ganho de relevância observado desde março do ano passado, quando estava em 20,2%.

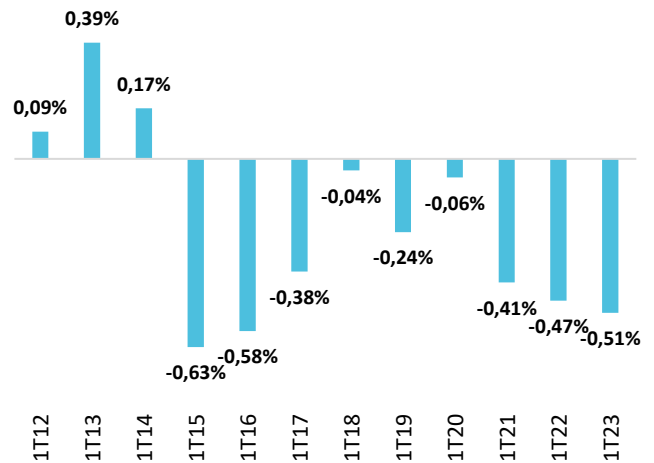
Com isso, mantém-se alguma cautela com a expansão do crédito imobiliário, dada a importância da poupança como fonte de *funding* para esta modalidade de crédito. As IFs tem recorrido a outros instrumentos, como o LCI, por ex., para fazer frente à demanda pelo crédito. Contudo, como tais instrumentos são mais caros, temos visto algum repasse de tal custo para o produto, com as taxas do imobiliário voltando para a casa dos dois dígitos (embora tenha havido uma queda em fevereiro, conforme Quadro 12), o que tende a arrefecer a sua demanda.

Quadro 10: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Em R\$ bi (IPCA de Mar/23*) – Evolução Mensal



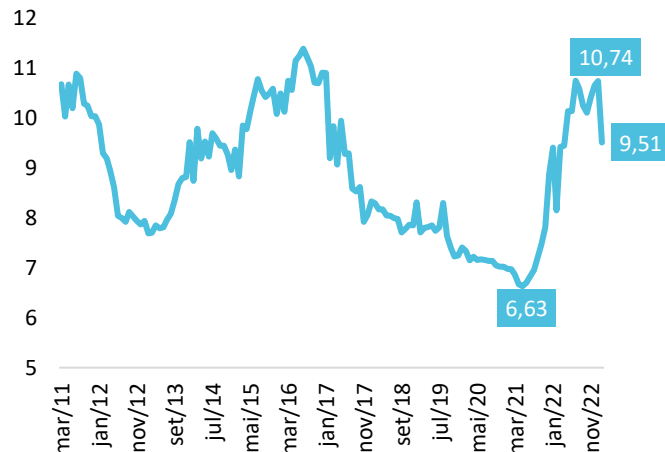
Fonte: Bacen. *Última projeção disponível do Boletim Focus (10/04).

Quadro 11: Captação Líquida no 1º Trimestre Em % do PIB



Fonte: Bacen.

Quadro 12: Taxa média de Juros – Financiamento Imobiliário Total - Em % a.a.



Fonte: Bacen.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	06/04/23	31/03/23	10/03/23	Viés	06/04/23	31/03/23	10/03/23	Viés
IPCA (%)	5,98	5,96	5,96	▲	4,14	4,13	4,02	▲
PIB (% de crescimento)	0,91	0,90	0,89	▲	1,44	1,48	1,50	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,75	12,75	12,75	↔	10,00	10,00	10,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,25	5,25	5,25	↔	5,27	5,30	5,30	▼

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	07/04/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,06	-0,11%	-0,11%	-4,22%	7,24%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	233,09	1,88%	1,88%	-8,25%	10,10%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,65	-0,01%	-0,01%	-0,03%	15,19%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	12,88	0,22%	0,22%	-3,95%	1,16%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	12,22	-0,99%	-0,99%	-3,17%	9,02%
Índice Ibovespa (em pontos)	100.821,73	-1,04%	-1,04%	-8,12%	-14,72%
IFNC (setor financeiro)	9.722,73	0,26%	0,26%	-5,18%	-12,63%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,00	0,00%	0,00%	11,11%	900,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,98	-1,11%	-1,11%	-10,06%	61,85%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,39	-2,22%	-2,22%	-12,50%	27,57%
Dollar Index	102,09	-0,40%	-0,40%	-1,38%	2,35%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.105,02	-0,10%	-0,10%	6,92%	-8,39%
Índice de ações de bancos – EUA	90,32	-2,78%	-2,78%	-20,83%	-23,38%
Índice Euro Stoxx 50	4.309,45	-0,13%	-0,13%	13,60%	12,67%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	103,90	1,91%	1,91%	8,39%	19,65%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	85,12	6,71%	6,71%	-0,92%	-15,78%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira